

"Uma história inteligente e emocionante, repleta de reviravoltas
surpreendentes que vão deixá-lo grudado
na cadeira, virando as páginas até altas horas da noite."

– KARIN SLAUGHTER

UMA CENTELHA NA ESCURIDÃO

STACY
WILLINGHAM



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

STACY
WILLINGHAM

UMA
CENTELHA
NA
ESCURIDÃO

2ª edição

Tradução
Fernanda Dias

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Stacy Willingham, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Fernanda Dias
Todos os direitos reservados.
Título original: *A Flicker in the Dark*

Preparação: Amanda Moura
Revisão: Mariana Rimoli e Barbara Parente
Projeto gráfico: Filipa Damião Pinto | Foresti Design
Diagramação: Renata Spolidoro
Capa: Angelo Bottino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Willingham, Stacy
Uma centelha na escuridão / Stacy Willingham ; tradução de
Fernanda Dias. -- 2. ed -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2023.
352 p.

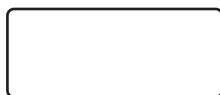
ISBN 978-85-422-2504-4
Título original: *A Flicker in the Dark*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura psicológica I. Título II.
Dias, Fernanda

23-6532

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO

UM

Minha garganta coça.

No começo, é sutil. Como a ponta de uma pena passando pelo esôfago, de cima a baixo. Empurro minha língua para trás na tentativa de coçar.

Não funciona.

Espero que não esteja ficando doente. Fiquei perto de alguém doente esses dias? Alguém resfriado? Não dá para ter certeza, de verdade. Passo o dia todo cercada de pessoas. Nenhuma delas parecia doente, mas a gripe comum pode ser contagiosa mesmo antes de manifestar algum sintoma.

Tento coçar de novo.

Talvez seja alergia. Tem mais pólen no ar do que o normal. Muito mais. Aponta oito de dez na escala do monitor de alergia. O ícone no meu aplicativo do clima está bem vermelho.

Alcanço o copo d'água, dou um gole. Bochecho um pouco antes de engolir.

Ainda não funciona. Pigarreio.

— Sim?

Olho para a paciente diante de mim, dura como um pedaço de pau, agarrada em minha poltrona de couro reclinável gigantesca. Os dedos cerrados no colo, cortes finos, brilhantes, quase invisíveis em comparação à pele perfeita das mãos. Noto um bracelete no pulso, tentativa de cobrir a maior cicatriz, um profundo e rústico tom de púrpura. Contas de madeira com um amuleto de prata em formato de cruz, pendurado como em um terço.

Olho de volta para a garota, absorvendo a expressão dela, os olhos. Sem lágrimas, mas ainda é cedo.

— Desculpe — digo espiando as anotações à minha frente —, Lacey. Estou com um pouco de pigarro. Continue, por favor.

— Ah — diz ela —, tudo bem. Enfim, como eu dizia... Sinto muita raiva às vezes, sabe? E não sei muito bem por quê. É como se esse ódio fosse crescendo cada vez mais e, antes que eu perceba, preciso... — Ela olha para os braços, abana as mãos. Há pequenos cortes em todos os lugares, feito fibras de vidro escondidas na trama da pele, entre os dedos. — É um alívio. Ajuda a me acalmar.

Faço um movimento afirmativo com a cabeça, tentando ignorar a coceira na garganta. Está piorando. *Talvez seja poeira*, digo a mim mesma – este lugar está empoeirado. Olho para o parapeito na janela, a estante de livros, os diplomas emoldurados na parede, todos exibindo uma fina camada de cinza cintilando na luz do sol.

Foco, Chloe.

Viro de volta para a garota.

— E o que você acha que é isso, Lacey?

— Acabei de falar. Eu não sei.

— Se você tivesse que dar um palpite...

Ela bufa, olha para o lado e encara qualquer coisa. Está evitando contato visual. As lágrimas virão em breve.

— Bom, acho que pode ter algo a ver com o meu pai — diz, enquanto o lábio inferior treme um pouco. Tira o cabelo loiro da frente da testa. — O fato de ele ter ido embora e tudo mais.

— Quando seu pai foi embora?

— Faz dois anos — conta. Como se essa fosse a deixa, uma única lágrima brota do canal e escorre pela bochecha sardenta. Ela a enxuga, com raiva. — Ele nem se despediu. Nem deu motivo. Simplesmente foi embora.

Faço um movimento afirmativo com a cabeça, fazendo mais algumas anotações.

— Acha que é possível dizer que você ainda está bastante revolvida com seu pai por ter te deixado dessa maneira?

O lábio dela treme de novo.

— E que, já que ele não se despediu, você não pôde dizer como as atitudes dele te afetaram?

Ela assente com a cabeça na direção da estante de livros no canto, ainda me evitando.

— Sim. Acho que faz sentido.

— Você está com raiva de mais alguém?

— Acho que da minha mãe. Não sei muito bem o porquê. Sempre achei que a culpa de ele ter ido embora era dela.

— Certo — digo. — Mais alguém?

Ela fica quieta, a unha cutucando um pedaço de pele solta.

— De mim — sussurra, sem perder tempo, secando a cachoeira de lágrimas que jorra dos cantos dos olhos. — Por não ser boa o suficiente para fazer com que ele quisesse ficar.

— É normal sentir raiva — afirmo. — Todos sentimos raiva. E agora que você se sente confortável para dizer que está com raiva, podemos trabalhar juntas para te ajudar a lidar um pouco melhor com isso. Para te ajudar a administrar esse sentimento sem se machucar. Faz sentido?

— É tão idiota — resmungo.

— O quê?

— Tudo. Ele, isto. Estar aqui.

— O que tem de idiota em estar aqui, Lacey?

— Eu não deveria *ter* que vir aqui.

Agora, ela está gritando. Inclino-me para trás, de forma casual, e entrelaço os dedos. Deixo que ela grite.

— É, eu estou com raiva — diz —, e daí? Meu pai foi embora, ele me *deixou*. Você sabe como eu me sinto? Sabe como é ser uma criança sem pai? Ir para a escola e todo mundo olhar pra você? Falar pelas suas costas?

— Na verdade, eu sei — comento. — Sei bem como é. Não é legal.

Agora ela está quieta, as mãos tremendo no colo com as pontas do dedão e do indicador esfregando a cruz no bracelete. Subindo e descendo, subindo e descendo.

— Seu pai foi embora também?

— Algo parecido.

— Quantos anos você tinha?

— Doze — digo. Ela assente.

— Tenho quinze.

— Meu irmão tinha quinze.

— Então você entende?

Desta vez, eu faço que sim e sorrio. Ganhar confiança: a parte mais difícil.

— Entendo — digo enquanto me inclino para a frente de novo, diminuindo a distância entre nós. Ela se volta para mim agora, os olhos encharcados virando-se para os meus, suplicantes. — Entendo perfeitamente.



CAPÍTULO

DOIS

Minha área de atuação prospera por causa dos clichês – sei disso. Mas há um motivo.

Clichês existem porque são um reflexo da realidade.

O fato de uma garota de quinze anos enfiar uma lâmina na pele deve ter algo a ver com sentimentos de inadequação ou a necessidade de sentir dor física para escoar a dor emocional que arde dentro dela. A dificuldade de um garoto de dezoito anos controlar a agressividade com certeza tem algo a ver com conflitos não resolvidos com os pais, sentimentos de abandono, necessidade de provar algo. Ele precisa parecer forte quando, por dentro, está desmoronando. Uma universitária de vinte anos que bebe e dá para todo cara que lhe paga uma vodka barata, depois chora na manhã seguinte, é provavelmente uma vítima da própria baixa autoestima, e faz o que faz para ter a atenção que não conseguiu ter em casa. Conflito interno entre a pessoa que ela é e a que acha que esperam que seja.

Traumas com o pai. Síndrome do filho único. Fruto de divórcio.

Clichês, mas reais. E eu posso dizer isso, porque sou um clichê também.

Olho para o *smartwatch* com a gravação da sessão de hoje piscando na tela: 1:01:52. Aperto “Enviar para o iPhone” e observo o pequeno cronômetro mudar de cinza para verde enquanto o arquivo é mandado para o meu celular e, ao mesmo tempo, sincroniza com meu laptop. *Tecnologia*. Lembro-me de cada médico pegando meu arquivo quando era pequena, passando página por página enquanto ficava sentada em algo parecido com esta mesma poltrona, espiando as pastas abarrotadas com os problemas de outras pessoas.

Abarrotadas de pessoas como eu. De alguma forma, eu me sentia menos sozinha, mais normal. Aqueles armários de metal com suas quatro gavetas representavam a possibilidade de que um dia eu seria capaz de expressar a minha dor – verbalizá-la, gritar, chorar – e, quando o *timer* saía dos sessenta minutos e chegava ao zero, podíamos simplesmente fechar a pasta e colocá-la de volta à gaveta, trancar bem e esquecer o conteúdo por mais um dia.

Cinco horas, hora de encerrar.

Olho para a tela do meu computador, para a selva de ícones a que meus pacientes foram reduzidos. Agora não tem mais *hora de encerrar*. Eles sempre encontraram um jeito de me achar (e-mail, redes sociais), até que desisti e deletei os meus perfis, cansada de receber mensagens desesperadas de clientes em seus piores momentos. Estou sempre conectada, sempre pronta, uma loja de conveniência funcionando 24 horas por dia, com uma placa de neon escrita “Aberto” brilhando no escuro, tentando ao máximo não apagar.

O alerta da gravação aparece na minha tela, eu cliço, renomeio o arquivo – “Lacey Deckler, Sessão 1” – e olho por cima do computador, semicerrando os olhos na direção do parapeito empoeirado, a sujeira deste lugar fica ainda mais evidente sob o sol poente. Pigarreio de novo, tusso algumas vezes. Inclino para o lado, seguro a alça de madeira, escancaro a última gaveta da escrivaninha e exploro minha farmácia pessoal. Olho para os frascos de comprimidos, que vão do clássico Ibuprofeno a rótulos mais difíceis de pronunciar: Alprazolam, Clordiazepóxido, Diazepam. Empurro-os para o lado e pego uma caixa de vitamina C, despejo um envelope no copo de água e mexo com o dedo.

Tomo alguns goles e começo a redigir um e-mail.

Shannon,
Enfim, sexta!

A primeira sessão com Lacey Deckler foi excelente, obrigada pela indicação. Gostaria de checar rf. medicação. Vi que você não prescreveu nada. Com base na sessão de hoje, creio que uma dosagem baixa de Prozac poderia ajudá-la. O que acha? Alguma advertência?

Chloe

Aperto “Enviar” e me recosto na cadeira, engolindo o resto da minha água sabor tangerina. Os sedimentos da vitamina C do fundo do copo descem como cola, vagarosos e pesados, cobrindo meus dentes e a língua com um pó laranja. A resposta chega em minutos.

Chloe,

Não há de quê! Por mim, tudo bem. Fique à vontade para crescer.

PS: Que tal um drinque um dia desses? Quero detalhes sobre o GRANDE DIA. Tá chegando!

Shannon Tack,

Médica

Pego o telefone do consultório e ligo para a farmácia da Lacey, a mesma que eu frequento (o que vem a calhar), e caio direto na caixa postal. Deixo uma mensagem.

— Oi, aqui é a doutora Chloe Davis, C-H-L-O-E D-A-V-I-S, gostaria de solicitar uma receita para Lacey Deckler, L-A-C-E-Y D-E-C-K-L-E-R, data de nascimento 16 de janeiro de 2004. Recomendo que a paciente comece com 10 miligramas de Prozac por dia, por oito semanas. Sem renovação automática, por favor.

Paro, bato os dedos na mesa.

— Também gostaria de solicitar uma nova receita para outro paciente, Daniel Briggs, D-A-N-I-E-L B-R-I-G-G-S, data de nascimento 2 de maio de 1982. Frontal, 4 miligramas por dia. Repetindo, aqui é a doutora Chloe Davis. O número é 555-212-4524. Muito obrigada.

Desligo e contemplo o telefone, imóvel. Olho de volta para a janela, o sol que se põe vai iluminando meu consultório de mogno com um tom de laranja não muito diferente do resíduo grudento no fundo do meu copo. Vejo o relógio. Sete e meia. Começo a fechar meu laptop e dou um pulo quando o telefone toca. Encaro o aparelho – o escritório já está fechado e é sexta. Continuo guardando meus pertences, ignoro o toque, até que me dou conta de que pode ser a farmácia com alguma dúvida a respeito das receitas que acabei de pedir. Deixo chamar mais uma vez antes de atender.

— Doutora Chloe Davis — digo.